



## Por 5,5 milhões de dólares

# Assassinos de Khomeini procuram "autor blasfemo"

CAÇADORES de prêmios, praticamente extintos desde os tempos do Oeste selvagem, tomaram-se uma dor de cabeça para a Scotland Yard, depois de, quarta-feira, os mullahs iranianos terem oferecido 2,5 milhões de dólares pela cabeça do escritor Salman Rushdie, acusado de "blasfêmia" pelo seu último livro, *Satanic Verses*.

Anteontem, Rafsanjan, a aldeia natal do presidente do Parlamento iraniano, Hachemi Rafsanjani, comprometeu-se a reunir, numa colecta, mais 3 milhões de dólares para o mesmo fim.

"Esquadrões da morte" compostos por radicais fundamentalistas muçulmanos ou por assassinos profissionais estarão já em Londres ou a caminho da capital britânica para executarem o escritor britânico de origem indiana.

A Scotland Yard colocou já sob protecção especial Rushdie e a mulher, a escritora Marianne Wiggins. O casal foi mesmo obrigado a mudar de residência para uma das "safe houses" ao dispor dos Serviços Secretos de Sua Majestade. Os escritórios da editora do livro, a Viking/Penguin, estão também sob guarda especial da polícia.

O presidente da Sociedade Islâmica para a Promoção da Tolerância Religiosa, Hesham el Hessawy, garantia entrevista, quinta-feira, numa entrevista ao "Daily Telegraph", que um muçulmano de origem norte-americana estivera em Londres a semana passada com o propósito de assassinar Rushdie.

Por seu turno, Kausar Niazi, o ex-ministro paquistanês dos Assuntos Religiosos, previu que Rushdie "seja eliminado dentro dos próximos meses", acrescentando em declarações ao "New York Times" que já tinham seguido para a Grã-Bretanha "pessoas para assassinar esse homem."

A "pena de morte" aplicada terça-feira a Rushdie pelo ayatollah Khomeini foi tomada mais "aliciante" no dia seguinte, quando um dirigente religioso próximo do líder iraniano ofereceu avultados prêmios em dinheiro para os que executassem o escritor.

O hojatoleslam Hassan Saneie, presidente da Fundação 5 de Junho, ofereceu uma recompensa de 2,5 milhões de dólares ao iraniano que matasse Rushdie; o prêmio para qualquer estrangeiro que "execute" o escritor é de um milhão de dólares. Aparentemente, o caso da aldeia de Rafsanjan prova que as precauções da polícia britânica só fizeram "aumentar a parada".

Para facilitar o trabalho aos potenciais assassinos, surgiram ameaças de bombas em aviões das linhas aéreas britâni-



O livro de Salman Rushdie (ao centro), em vias de esgotar nas livrarias britânicas, está a provocar manifestações violentas em vários países, nomeadamente no Paquistão, onde confrontos entre fundamentalistas islâmicos e forças de segurança fizeram no sábado seis mortos (à esquerda)

cas caso Rushdie não apareça em público.

O Governo britânico quebrou quinta-feira o silêncio oficial, chamando ao Foreign Office o embaixador do Irão, Mohammed Basti, a quem apresentou um protesto formal: "Ninguém tem o direito de incitar à violência em solo britânico ou contra cidadãos britânicos".

O Governo da sr<sup>a</sup> Thatcher congelou imediatamente a normalização das relações diplomáticas com Teerão, recentemente reatadas, "enquanto o Governo iraniano não conseguir respeitar completamente os padrões internacionais de comportamento". O embaixador iraniano, à saída do Foreign Office, manifestou uma aparente indiferença pela posição que lhe acabava de ser anunciada, apoiando a proclamação de Khomeini.

### Distinguir anjos e demónios

Sayed Abdul Qudus, secretário do Conselho das Mesquitas de Bradford, que afirmou apoiar a declaração de Khomeini "com todo o meu sincero coração", ressaltou que "neste país, como bons muçulmanos, não queremos tomar a justiça nas nossas mãos, queremos ser bons cidadãos."

Em entrevista concedida no Verão de 1988 a Clara Ferreira

Alves (EXPRESSO-A Revista de 3/9/88), Salman Rushdie descrevia assim o recém-concluído *Satanic Verses*:

"(...) há uma história sobre o profeta Maomé na qual ele

lidade sobrevivem — ou melhor, renascem.

A controvérsia reside no título, em duas sequências-sonho no facto de personagens de prostitutas terem os nomes de filhas do profeta Maomé.

Publicado em Setembro, o livro foi imediatamente declarado "blasfemo" por grupos fundamentalistas islâmicos e proibido em países como o Paquistão, Índia, Malásia, Arábia Saudita e, também, África do Sul. Todavia, a controvérsia só começou verdadeiramente em Janeiro, pouco antes de o romance ganhar o prémio literário Whitbread.

A campanha anti-Rushdie impulsionada no Reino Unido por Hesham el Hessawy conheceu o seu ponto mais alto no terceiro fim-de-semana de Janeiro, quando muçulmanos da cidade de Bradford, no Norte de Inglaterra (uma das grandes concentrações de imigrantes do subcontinente indiano), realizaram um auto-de-fé público do livro.

A campanha teve os seus frutos: a cadeia de livrarias mais importante do Reino Unido, a WH Smith, decidiu pouco depois retirar o livro dos seus escaparates. No entanto, as vendas da obra aumentaram à medida que a controvérsia subia de tom.

As manifestações contra o romance fora da Grã-Bretanha só assumiram porém proporções destacadas este fim-de-

semana. No sábado, em Islamabad, morreram seis pessoas e dezenas ficaram feridas em confrontos entre a polícia e muçulmanos enfurecidos que no exterior do centro cultural norte-americano exigiam a proibição do livro nos Estados Unidos.

Nos dias seguintes, manifestações semelhantes na cidade indiana de Srinagar resultaram em três mortos e quase uma centena de feridos.

Apesar deste crescendo de violência, a proclamação feita terça-feira pelo ayatollah Khomeini teve o seu quê de inesperado.

"Informo o orgulhoso povo muçulmano do Mundo que o autor do livro *Satanic Verses*, que é contra o Islamismo, o profeta e o Corão, e todos os que participaram na sua publicação, estão condenados à morte. Peço a todos os muçulmanos que os executem onde quer que os encontrem", proclamou o imã, numa declaração transmitida na íntegra pela Rádio de Teerão.

"Quem fizer isto será considerado um mártir e irá directamente para o céu", prometeu Khomeini.

### O embaraço de Thatcher

Para o Governo britânico, a controvérsia é particularmente melindrosa, e provavelmente por isso mesmo o Executivo da sr<sup>a</sup> Thatcher só reagiu diplomaticamente 48 horas depois da ameaça.

A Grã-Bretanha e o Irão passam com efeito por um período de reaproximação, tendo Londres reaberto recentemente a sua embaixada em Teerão. Na sequência da intervenção de Khomeini, dez mil manifestantes juntaram-se frente ao edifício da embaixada britânica na capital iraniana, clamando "morte à Grã-Bretanha e à América".

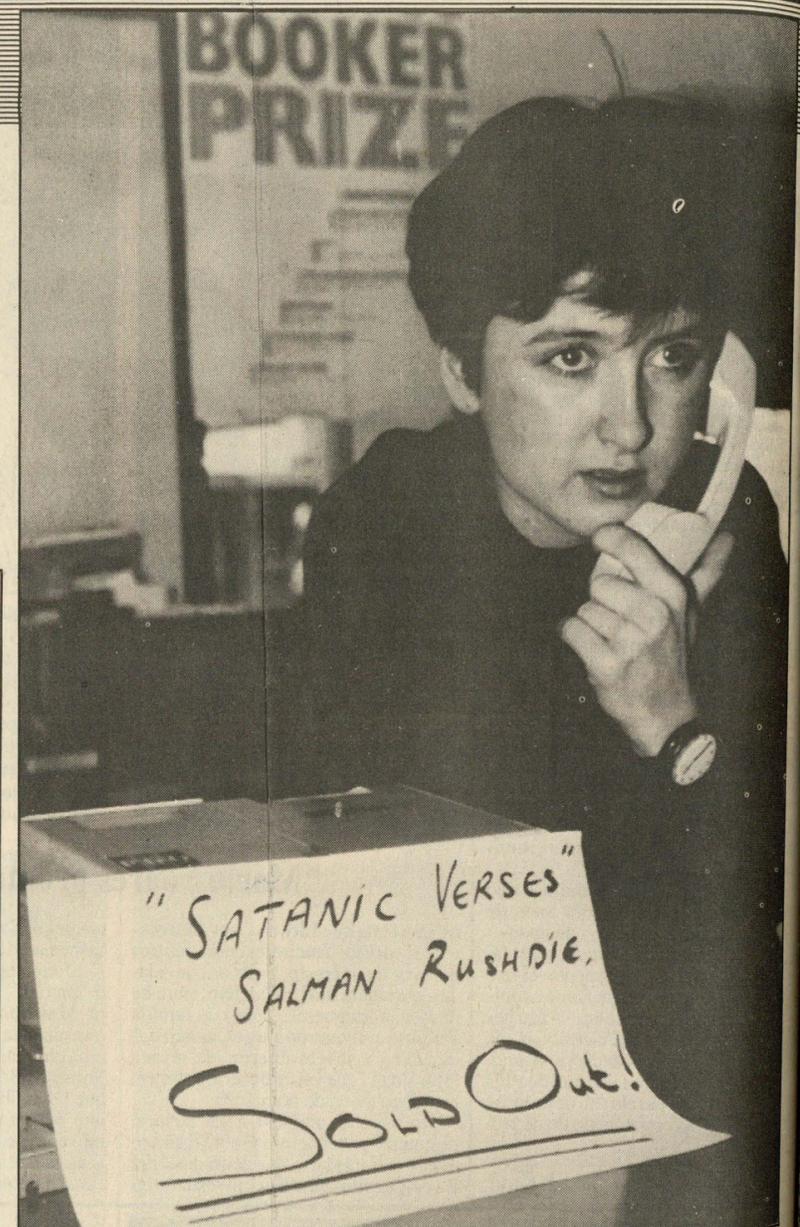
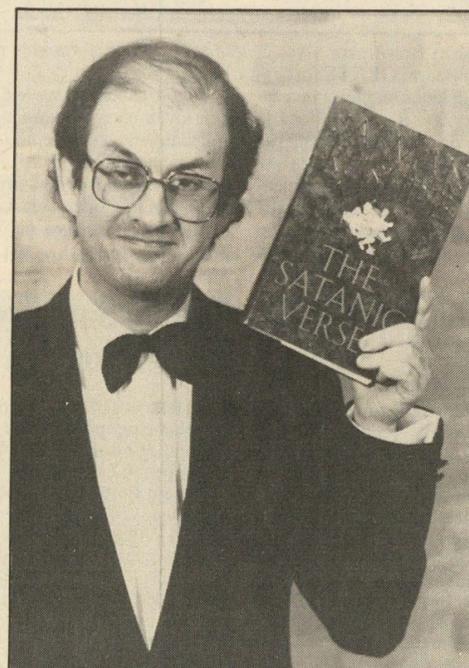
No mesmo dia em que Rushdie era "condenado à morte", Roger Cooper, um homem de negócios britânico detido há três anos no Irão, sem julgamento, foi na terça-feira sentenciado por "espionagem", uma coincidência no mínimo muito curiosa.

Existem também receios quanto às vidas dos três reféns britânicos em poder de grupos pró-iranianos libaneses.

Enquanto a CEE prepara uma acção conjunta sobre o caso, a editora francesa de Rushdie decidiu adiar a publicação do livro. A decisão é altamente conveniente para o Governo de François Mitterrand, que depois de Jacques Chirac também se empenhou numa espinhosa operação de reaproximação com o Irão, após anos de bons negócios de material de guerra com o Iraque.

### "Não há temas inabordáveis"

Haia teve menos relutância que os franceses e cancelou a visita a Teerão do seu ministro dos Negócios estrangeiros, ao mesmo tempo que se manifestava

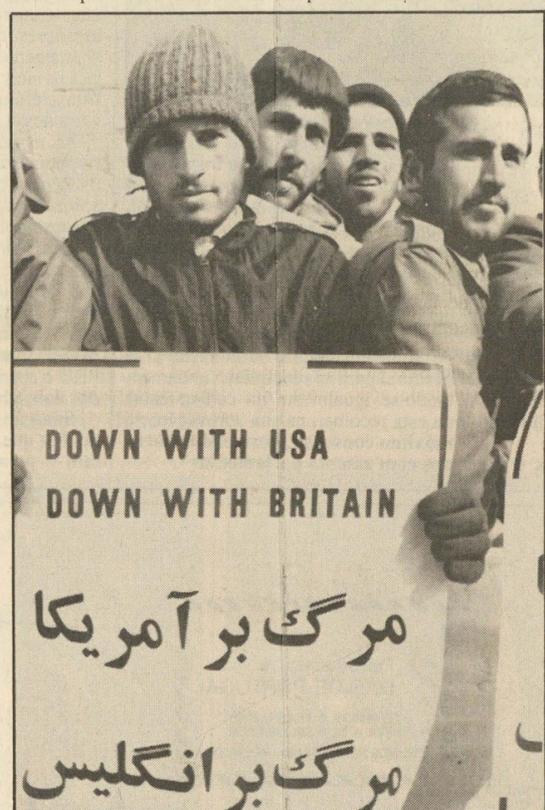


O livro de Salman Rushdie (ao centro), em vias de esgotar nas livrarias britânicas, está a provocar manifestações violentas em vários países, nomeadamente no Paquistão, onde confrontos entre fundamentalistas islâmicos e forças de segurança fizeram no sábado seis mortos (à esquerda)

"chocada" com as declarações do líder iraniano.

Rushdie, nascido em 1947 numa família muçulmana de Bombaim, formado em Islamismo pela Universidade de

Cambridge, actualmente residente em Londres e autor aclamado de *Os Filhos da Meia-Noite* e *Vergonha*, com edição portuguesa, não precisava desta publicidade.



Nesta semana, em Teerão, manifestantes empunhavam cartazes com as palavras de ordem "Abaixo a Grã-Bretanha" e "Abaixo os Estados Unidos"

Mas o facto é que, com ela, o livro começa a bater recordes de venda. Até agora, teve uma tiragem de 58 mil exemplares na Grã-Bretanha.

Já o ano passado, a propósito de *Satanic Verses*, Rushdie declarou: "Não há temas inabordáveis, e isso inclui Deus e os profetas."

Numa entrevista transmitida terça-feira à noite pelo "Channel 4" britânico, Rushdie, interrogado sobre se teria pretendido provocar deliberadamente todos os muçulmanos, observou: "Depende do que quer dizer com provocação. Qualquer escritor deseja provocar a imaginação. Quer que as pessoas pensem naquilo que se escreve (...), dizer 'Vamos olhar para as coisas de uma maneira diferente.'"

Na opinião do escritor, o que está em causa é que as figuras ortodoxas do Islão estão a tentar travar "a contribuição mais importante do século XX para a forma como a raça humana se discute a si mesma" — a dúvida, a ausência de certezas.

Noutra entrevista, à BBC, já a propósito das ameaças de Khomeini, Salman Rushdie declarou tomá-las "muito a sério". Mas acrescentou que, se conhecesse a reacção, "teria escrito um livro mais crítico".

De qualquer modo, "o livro pelo qual se matam pessoas e queimam bandeiras não é o livro que eu escrevi", assinou o escritor.

João Carlos Silva com Maria Teresa Guerreiro em Londres